

A questão da identidade entre sincronia e diacronia

GT 16

Sheila Accioly
UFPB/UFCG

Resumo:

A identidade constitui-se como questão emergente e objeto de pesquisas nas Ciências Sociais, notadamente a partir da virada do século XX para o terceiro milênio, tensionada entre abordagens estruturalistas e pós. Enquanto as teorias estruturalistas impelem no sentido de saída da historicidade, desinflacionando a ideia de indivíduo ao tentar expor fenômenos sociais como linguagens do inconsciente, o mesmo posicionamento a-histórico é radicalizado na onda pós-moderna, que propõe dissolver a ideia estruturalista de homem e re-instaurar o foco antropocêntrico, desta vez, atemporal, fundado na negação da razão e na relativização dos valores. Assim, a identidade tem sido problematizada diante de fluxos, contrafluxos e devires, por rupturas ou adaptações. Adotando um estilo ensaístico, o artigo propõe um modelo para estudo de teorias da identidade, dispostas entre dois eixos: sincrônico e diacrônico, evento e processo, momento e movimento. Sob o foco relacional, a estratégia permite levantar elementos de análise e operacionaliza o conceito como categoria.

Palavras-chave: Identidade. Sincronia. Diacronia.

Introdução

[...] o tema da identidade se situa não apenas em uma encruzilhada, mas em muitas.
[...] Quando hábitos seculares se dissolvem, quando gêneros de vida desaparecem, quando velhas solidariedades se desmancham, é certo que uma crise de identidade se produz.
(LÉVI-STRAUSS, 1977, p. 9)

Na virada do século XX para o terceiro milênio, a questão da identidade emerge como objeto de pesquisas nas Ciências Sociais, tensionada, principalmente, entre duas abordagens: de um lado, as teorias estruturalistas, impelindo à saída da historicidade ao desinflacionar a ideia de indivíduo pela estratégia de exposição de fenômenos sociais como linguagens do inconsciente; de outro lado, a onda pós-moderna, radicalizando a a-historicidade no intuito de dissolver a ideia estruturalista de homem e re-instaurar um foco antropocêntrico, desta vez, atemporal, fundado na negação da razão e na relativização dos valores.

A identidade tem sido problematizada diante de fluxos, contrafluxos e devires, por rupturas ou adaptações. A sincronia é uma noção adotada para as ciências sociais por Levi-Strauss, transposta da linguística. As palavras sincronia e diacronia têm raízes gregas; podem ser compreendidas, respectivamente, por “ser/estar no tempo” e “mudar com o tempo”, ou fixidez e fluxo, regularidade e sucessão. Pode-se dizer que as reflexões aqui dispostas, assim como na inspiração levi-straussiana, traçam uma proposta que transpõe dos estudos de linguística algumas categorias analíticas para articular a reflexão sobre o conceito de identidade, usando conceitos já dados sem, contudo, reproduzi-los. Deste modo, circunscrevemos o território-objeto de pesquisa, levando em consideração que as noções e definições instrumentalizadas são construtos operacionalizados como chaves de interpretação em um esquema de pensamento formal.

Ainda que reconheçamos a inspiração, não tencionamos nos prender à abordagem sincrônica de Levi-Strauss. Neste sentido, despimo-nos de quaisquer compromissos estruturalistas para caminhar rumo a uma abordagem compreensiva. Não pretendemos fundar nenhuma noção a priori; muito menos reificar ou exaltar algum entre os diversos olhares e entendimentos acerca da questão da identidade. O projeto que move esta escritura é bem mais modesto: alimentar a reflexão sobre o tema. Para tanto, percorre o seguinte caminho: discorre brevemente sobre o estruturalismo e o pós-estruturalismo em relação ao tema da identidade; cita algumas teorias acerca da identidade, analisando seus aspectos sincrônicos e diacrônicos. Adotando um estilo ensaístico, o artigo propõe a adoção da dupla análise como um modelo possível para pensar as teorias da identidade, dispostas os eixos sincrônico e diacrônico, evento e processo, momento e movimento. A estratégia permite levantar elementos de análise e operacionaliza o conceito como categoria.

O artigo em tela propõe refletir sobre teorias da identidade frente aos eixos sincrônico e diacrônico, evento e processo, momento e movimento. Sob o foco relacional, a estratégia permite levantar elementos de análise e operacionaliza o conceito como categoria. Para tanto, resume teses acerca da identidade e suas marcas de sincronicidade e diacronicidade. Pois, de certo, o conceito de identidade ainda é “demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido” (HALL, 2003, p.8).

Operacionalizamos o conceito de identidade como chave interpretativa, tomando-o como possibilidades lógicas entre sincronia e diacronia. Tomamos a ideia de Hakim Bey (1990, p. 22)¹ de uma autoidentidade sincrônica para dialetizar o conceito de identidade, dizendo que, se há alguma identidade do tipo sincrônico, atemporal, esta se opõe e/ou complementa a um tipo diacrônico. Assim, poderíamos pensar, como Cardoso de Oliveira (1984), nos cruzamentos de eixo temporal composto pelos itens diacronia e sincronia com um eixo paradigmático das teorias; as possibilidades de entrecruzamento de vetores consideram as forças tangenciais que impulsionam a novos espaços. Evitamos as abordagens psicológicas, privilegiando as noções sociais de identidade.

Abrimos, aqui, uma digressão acerca do binômio sincronia-diacronia, aportado a partir de Saussure, para quem o sincrônico remete à simultaneidade e o diacrônico à sucessão. Sincronia é uma perspectiva de coexistência de paradigmas, de eterno retorno e de fixidez. Diacronia é a inscrição no tempo linear, a dinâmica evolutiva da duração processual e as mudanças estruturais. Sincronia e diacronia vêm do grego², significando, respectivamente, “ao mesmo tempo” e “através do tempo”.

Há quem entenda o binômio como eixos que se cruzam, enquanto outros preferem representá-lo como paralelas que se encontram ou se tangenciam. A sincronia permeia os estudos sociais que analisem um objeto em relação ao que lhe é pertinente. Ao passo que a diacronia é a perspectiva histórica, que trata apenas uma coisa de cada vez, considerando suas transformações. Ambas as perspectivas se projetam uma na outra, ora em imbricamento, ora em oposição, ainda que não necessariamente excludentes e, eventualmente, cambiantes.

Estruturalismo e Pós

O Estruturalismo, marcado pela teoria linguística de Saussure, compreende a realidade social como um conjunto de relações cujos elementos se identificam por equivalência ou oposição. As relações são dispostas como conjunto ou sistema de significações que constitui uma estrutura produtora de sentidos culturais. Sua chave de compreensão é a interpretação das relações, aparentemente opostas, mas mutuamente necessárias.

¹ Paginação atribuída pela pesquisadora.

² Gr.: *syn* = junto + *chronos* = tempo; *dia* = através + *chronos* = tempo.

A princípio, a proposta contracultural e desideologizante do movimento estruturalista preconizou a articulação entre investigação e prática social, rigor metodológico e consciência social crítica, descentrando o indivíduo pela noção de que os fenômenos sociais são linguagens do inconsciente. O pensamento estrutural estende-se, por analogia, até a ontologia, descrevendo o ser como uma construção e as partes como elementos do todo.

Elementos sincrônicos e diacrônicos posicionados opostamente compõem a estratégia para análise, na qual se verificam as atualizações de uma *arqué*: ao longo da linha do tempo e de acordo como contexto sócio-histórico. A ideia é de que onde há signo, há um sistema que o informa. Percorrer seu espectro de significados é percorrer as relações que o forjam nos jogos binários da cultura (ou estrutura) à qual pertence. Assim, tem-se que os constituintes dos sistemas ou estruturas desvendam suas respectivas ordens culturais, posto que culturas são *sígnicas*.

A descoberta da estrutura fornece a chave do significado cultural. A estrutura seria, portanto, a *hilé*, matriz significativa que subjaz. Estudá-la equivaleria a desvendá-la, expondo as relações universais entre significados e significantes e as determinações culturais que submetem o indivíduo.

Remetendo ao essencialismo, a lógica estruturalista impele no sentido da saída da historicidade e desinflatória a ideia de indivíduo, ao expor os fenômenos sociais como linguagens do inconsciente. Sua a-historicidade se radicaliza no pós-estruturalismo, dissolvendo a ideia estruturalista de ser humano como ator social na estrutura e instaurando um foco antropocêntrico atemporal, fundado na crítica da razão e na relativização dos valores.

A proposta estruturalista causou impactos aos quais, periodicamente, o paradigma reage, recuando e refluindo sob novas roupagens. Diante dos fluxos e refluxos, problematizamos o conceito de identidade, na tentativa de refletir acerca das teorias e das fronteiras dos significados.

Da virada linguística ao giro estético

No método analítico estruturalista, três questões estão postas: o que são os elementos da estrutura; como se associam e que leis determinam as associações; e qual a causa destes fenômenos. Adaptando as teorias linguísticas, o Estruturalismo pergunta pela dimensão paradigmática da cultura (eixo de seleção) que está subsumida na sintagmática (eixo de ordenação e combinação). A concepção de estrutura forneceu um modelo lógico para a interpretação que sobrepõe “o signo [ao] sentido, o espaço [ao] tempo, o objeto [ao] sujeito, a relação [ao] conteúdo, a cultura à custa da natureza” (DOSSE, 2007, p. 11-12).

Entretanto, seus críticos perguntam pela dimensão histórica, pela autodeterminação humana e pela mudança social, alertando para a ambiguidade da *langue* e para o risco da reprodução do substancialismo, visto que, com a fixação das estruturas, “[...] cai-se inevitavelmente num certo imobilismo das modalidades de estruturação, onde a investigação genética incide precisamente sobre a possibilidade de proceder a novas estruturações” (BONOMI, 1973, p. 110).

Os pensadores do pós-*linguistic turn* opuseram à reflexão estruturalista a proposta pragmática de investigar os usos das ações e dos discursos, recuperando um lugar central para o sujeito diacrônico pela noção de intencionalidade e pelo deflação do elemento linguístico para driblar o representacionismo e seu par, o substancialismo.

No *fin-de-siècle*, um *aesthetic turn* reestabeleceu a centralidade e a historicidade do sujeito, opondo ao Estruturalismo as ideias de *bricolage*, de reinvenção e de autoria de perspectiva. Por sua vez, as teorias neopragmatistas deflacionaram o determinismo social e propiciaram a mobilidade das estruturas pela redescritção de conceitos, abrindo horizontes para além do labirinto linguístico e da analiticidade. Na prática, desacreditamos as representações do mundo vivido para viver o mundo que representamos, re-empoderando o sujeito como protagonista, na consciência de sua capacidade de reinvenção e reconstrução da realidade social.

Reposicionar este humanismo é justamente um ponto focal das correntes críticas ao Estruturalismo, algumas delas nascidas em seu próprio seio, como no caso do Pós-Estruturalismo. Ainda que não negue sua característica relacional, a discussão pós-estrutural é sobre como recolocar o sujeito no centro das teorias dominadas pela linguagem. Se o Estruturalismo desloca o foco no sujeito, as propostas pós-estruturalistas, influenciadas pelo pensamento nietzschiano, descentram a estrutura para centralizar um sujeito sincrônico. Este sujeito não é autônomo nem autodeterminado, mas pulsional, passional, desejante, dionisíaco, pragmático, fragmentado, esquizo, marcado e tensionado pelos vetores das determinações sistêmicas. Neste sujeito da retomada humanista, tudo é desejo, tudo é poder, tudo é texto, tudo é Nietzsche: vontade de potência. Os pós-estruturalistas (re)descrevem

um sujeito em toda sua complexidade histórica e cultural – um sujeito "descentrado" e dependente do sistema linguístico, um sujeito discursivamente constituído e posicionado na intersecção entre as forças libidinais e as práticas socioculturais. [...] infinitamente maleável e flexível, estando submetido às práticas e às estratégias de normalização e individualização que caracterizaram as instituições modernas (PETERS, 2000, p. 33).

No Pós-Estruturalismo, significado e significante se fundem; este pressuposto funda a realidade e o sujeito. O signo se esvazia de essência, tornando-se repositório, abertura ou distensão no qual os sentidos se instalam. O processo de significação torna-se incerto e mutável. Da mesma forma, os discursos e narrativas, formas-sujeitos ou identidades sincrônicas, assumem alguma errância na vaguidade. A noção pós-moderna de sujeito, segundo Jameson (1985; 2002), é esvaziada de sentido. Desenha uma efêmera e superficial persona, uma imagem esteticizada e fragilmente alinhavada ao tempo linear, esquizo (JAMESON, 1985).

Assim também entende Bauman (1998, p. 113), descrevendo a identidade como um estado, uma maneira de ser ou de agir que pode ser modificada ou descartada. As mudanças de fase implicam em transições identitárias no contexto de um *continuum* de sequência arbitrária, eterno presente no qual a identidade sincrônica surge como uma sucessão de começos, descolada do passado e sem projeto futuro. Na construção de uma identidade presenteísta, suspensa entre o passado e o futuro, não há referências ao seu processo de constituição, mas a busca do acolhimento por algum coletivo, através do processo de identificação. Então,

[...] a “identidade” agora compartilha o destino de outros equipamentos de vida: espera-se e prefere-se que ela, na falta de uma direção determinada definitiva, e não mais destinada a deixar atrás de si traços sólidos e indestrutíveis, seja fácil de ser fundida e passível de ser remodelada em diferentes formatos. (BAUMAN, 2009, p. 22)

Não obstante, as estruturas são ontologizantes: informam o que um objeto é; e ele é composto por significados. Isto posto, o ponto focal é que “[...] o que está em jogo aqui não são os juízos reflexivos do sujeito, mas suas intuições *profundas*, o conjunto de regras por ele tacitamente aceitas, que agem a um nível inconsciente [...]”⁴ (BONOMI, 1973, p. 108). Então, tem-se que a subjetividade sincrônica é composta por significados que não necessariamente nascem nele, mas lhe são emprestados pela contingência.

Este mesmo sujeito, contingente, surge numa visão weberiana como uma rede aberta e reconfigurável de crenças e desejos que se tece de novo em suas interações sociais, como narrativa em processo (CALDER, 2006, p. 45). Visto desta mesma forma, o sujeito do (pós) Estruturalismo é

contextual, diacrônico e constituído discursivamente, relegando a um segundo plano a autoconsciência em função da ênfase nas determinações inconscientes.

Neste mesmo mote, diacronicamente, Norbert Elias entende a identidade social do indivíduo como estruturada pela afiguração, ou seja, pela configuração de vetores forjada pelos indivíduos e suas teias de interdependência. A auto-identidade é oriunda do auto-controle, de transformações da consciência, tanto pessoais quanto históricas, pois o código social marca o comportamento e a sensibilidade. Para Elias (1991, p. 139), “o sentido que cada um tem de sua identidade está estreitamente relacionado com as relações de ‘nós’ e de ‘eles’ no nosso próprio grupo e com a nossa posição dentro dessas unidades que designamos ‘nós’ e ‘eles’”, concebendo, portanto, uma noção de identidade diacrônica.

O Pós “partilha com o Estruturalismo a mesma suspeita relativamente ao privilegiamento da consciência humana que caracteriza tanto a fenomenologia quanto o existencialismo [...]” (PETERS, 2000, p. 35). Assemelham-se pela abordagem diacrônica, arqueológica, genealógica, pela crítica ao racionalismo cientificista somada ao realismo de raízes positivistas, ao universalismo e fundacionismo das estruturas. Contudo, os elementos que o distinguem e o posicionam frente à teoria estruturalista são seus pontos de contradição: a apologia à diferença; o relativismo radicalizado; a noção totalizadora de discurso (UBERTI, 2008, p. 98). São elementos apriorísticos que se negam mutuamente; por certo, constituirão questões a serem revisadas por neo-estruturalistas e pelas teorias rivais. Parte da crítica ao Estruturalismo prefere negar ou contornar o paradigma a tentar desconstruí-lo. Apenas o Pós-Estruturalismo se propõe a revisar a teoria a partir dela mesma e desconstruir algumas noções pelas estratégias de relativização, de deslocamento e abertura de conceitos e de re-centramento do sujeito.

Tanto o Estruturalismo quanto seus críticos têm produzido contribuições inestimáveis para a compreensão das realidades sociais, exorcizando influências metafísicas, aparando arestas e filtrando a teoria. A modelização estrutural, os descentramentos e as flexibilizações (desestruturações) municiam a reflexão sobre o mundo social e sobre a questão da identidade.

Consideramos que, apesar da contradição, o relativismo e o esvaziamento ontológico não agridem o núcleo da teoria; antes pelo contrário, servem como estratégia para correção de percurso, rumo à construção de um novo humanismo. Frente à acusação de substancialismo, apõe-se que o próprio Saussure já considerava que o sentido poderia sofrer variações no espaço-tempo. Então, neutraliza-se o cerne do debate sem perdas para o paradigma, assumindo-se o pensamento precursor segundo o qual os sistemas se abrem para ancorar a noção de vaguidade, ganhando a teoria em flexibilidade e possibilidades de alcance e aprofundamento.

Este caráter vago é apontado por Stuart Hall, segundo o qual a noção de identidade atual reflete um sujeito pós-moderno, descentrado, contraditório, fragmentado e indefinido, habitante de não-lugares. Mudanças estruturais (diacrônicas) transformam até mesmo as formas de exercício da identidade, pois “o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (HALL, 2001, p.12). De modo sincrônico, a identidade torna-se “uma “celebração” móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (2001, p. 13).

Narrativas

Admitindo que os conceitos de sincronia e diacronia adotados nas ciências sociais advêm de estudos linguísticos, a noção de identidade como objeto de estudo no presente artigo será tomada como texto da cultura, na tentativa de pensar formas metafóricas de reflexão que permitam saídas a partir da mesma entrada. Neste espírito, buscamos derivas no universo da linguagem, dispensando vinculações

aos Estudos Culturais, mas fazendo uma analogia com o texto O Narrador, de Walter Benjamin, para pensar a sincronia e a diacronia. De forma que

[...] relaciona menos a identidade com essências e muito mais com trajetórias e relatos. Para isso, a polissemia do verbo “contar” se torna amplamente significativa. ‘Contar’ significa tanto narrar histórias como ser considerado pelos outros. O que implica que, para sermos reconhecidos, precisamos contar nosso relato, pois não existe identidade sem narrativa, já que esta não é apenas expressiva, mas também constitutiva do que somos. (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.156)

Segundo Barbero, a identidade se constrói no diálogo ininterrupto que o indivíduo estabelece, diacronicamente, com a sociedade. As relações dialógicas constituem, pois, ora narrativas, ora epopeias. Tanto a narrativa quanto a epopeia configuram discursos acerca da identidade que se alternam ora como evento (sintagma) ora como processo histórico, estrutura (paradigma).

No espírito das narrativas,

[...] o que estou chamando aqui de identidade é um construto de natureza social – portanto, político –, isto é, identidade social, compreendida como construída em práticas discursivas, e que não tem nada a ver com uma visão de identidade como parte da natureza da pessoa, ou seja, identidade pessoal, nem com sua essência nem com um si-mesmo unitário (MOITA LOPES, 2003, p. 20).

Quanto ao romance, diríamos que se “o projeto e a memória associam-se e articulam-se ao dar significado à vida e às ações dos indivíduos, em outros termos, à própria identidade” (VELHO, 1994, p. 101). Dessa forma, as identidades ou identificações organizam os significados (CASTELLS, 1999, p. 23), constelados em narrativas. Estas, criam um sujeito diacrônico como ponto de entrecruzamentos da rede de significantes culturais. De forma idêntica, para Giddens (2002), a subjetividade deriva da intersubjetividade, sendo esta regida, na modernidade tardia, por mecanismos de desencaixe, fichas simbólicas, sistemas peritos e pela reflexividade. A identidade é, pois, uma narrativa autorreflexiva e diacrônica, completamente estruturada.

Na mesma perspectiva narrativa, de acordo com Michel Maffesoli (1996, p. 304), “cada um, para existir, conta-se uma história”. Para dizer-se quem é e o que faz sobre a terra, para tornar o viver suportável, o ser humano compõe sentidos no fio dos discursos e narrativas, onde se tece a identidade do vivente.

Então, para Maffesoli, o conceito de identidade é marcado pela diacronia, sem substância própria, unicidade ou princípio de estabilidade, produzindo-se incessantemente em jogos de mostrar e esconder (1996, p. 304), adaptando-se ao contexto. Identificando socialmente grupos ou indivíduos, *ethos* e identidade se constroem mutuamente nos jogos de espelhamento das relações de pertença. *Ethos* e identidade são tratados como interdependentes e subsumidos um ao outro, reunidos nas narrativas e discursos de identidade. O conceito de identidade usado refere-se a construtos simbólicos organizados no sistema cultural como códigos de pertencimento, nos quais identidade e processos de identificação se equivalem.

Para Maffesoli, a pluralidade de máscaras que habitam o indivíduo remetem a um viver social esteticizado, no qual predominam as aparências, as imagens fragmentadas (MAFFESOLI, 1996, p. 333) e cambiáveis. Diante da inconsistência, o sujeito não é definido pela sua história, mas pela identificação com um coletivo.

[...] o que serve de suporte ao individualismo, a lógica da identidade, é algo de inteiramente relativo, que não é, do modo algum, constante nas histórias humanas, e que se pode, portanto, considerar que assuma hoje uma outra forma. No caso, o que proporei chamar lógica da identificação (MAFFESOLI, 1996, p. 301).

Assim, segundo Maffesoli (1996, p. 303), identificar-se é sinônimo de fazer parte, estar junto, de integração a comunidades de gostos, sonhos, ideias, crenças e paixões.

Barth (1998) defende que as identidades se estruturam em sincronia por oposições mútuas, definindo-se pelos laços de sociabilidade. Ele nega uma definição de identidade em si mesma, dado que compreende os processos identitários apenas dentro de contextos específicos.

Também Geertz atesta a ordem textual dos fenômenos sociais, afirmando que "o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu" (1989, p. 15). Trabalhando sobre eventos, na dimensão da sincronicidade, Geertz afirma que "tornar-se humano é tornar-se individual [...] sob a direção dos padrões culturais, sistemas de significados criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem e objetivo e direção às nossas vidas" (GEERTZ, 1978, p. 37).

Como Geertz, Denys Cuche (1999) crê que os conceitos de cultura e identidade andam de mãos dadas, inclusive nas crises, ainda que não sejam noções inseparáveis. As crises da identidade cultural ou social se referem aos valores, desejos e crenças que a articulam em dado contexto social. Assim, a identidade seria variável e efêmera, mudando relacional e situacionalmente, vinculada à noção de localização. Diacrônica, a identidade funciona como categoria espacial que, nas práticas culturais, seleciona padrões, realizando movimentos de inclusão e exclusão, construção e reconstrução de fronteiras, resultando do "compromisso entre o que o grupo pretende marcar e o que os outros querem designar" e criando marcadores de diferenciação. De modo que "todas as fronteiras são concebidas como uma demarcação social suscetível de ser constantemente renovada pelas trocas. Qualquer mudança na situação social, econômica ou política pode provocar deslocamentos de fronteiras" (CUCHE, 1999, p. 201-202).

Para Cuche, a cultura pode ser instrumentalizada de formas diversas, conforme a estratégia de identificação. Ele divide a identidade em auto-identidade e hetero-identidade, sendo a primeira auto-declarada, enquanto a segunda é definida por outros. "A construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes, e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas", explica, acrescentando que a identidade é dotada de eficácia social.

Considerações finais

"[...] ela [a razão] não vai ao fundo das coisas;
só a imaginação pode chegar a isso."
(BALANDIER, 1999, p. 144)

Na paisagem fragmentada da transição entre os séculos XX e XXI, o duplo olhar de intimidade e estranhamento localiza o cerne da crise sisífrica da identidade dentre as incertezas da "sobre" ou "pós"-modernidade, no *nihil* das significações, por demais coladas aos panoramas vividos da cultura, não permitindo a visão de contorno nem do singular. Deste duplo olhar produz-se a perspectiva heraclítica que admite o movimento e a flutuação que prevalecem sobre as estruturas e permanências.

Perante a diversidade de abordagens do tema e das sincronidades e diacronicidades das teorias, o jogo de escalas (REVEL, 1996), constitui uma chave para compreensão da dialética ativada na articulação que operacionaliza o conceito de identidade. No entanto, apenas mudanças de escalas não bastam para dar conta da questão. É necessário pensar não apenas em termos relacionais, mas também na perspectiva de adentrar a dimensão das narrativas, a trama das relações de sentido

construída pelas teorias, evitando tomar como natural o que é construído pelas pesquisas. As demarcações e sistemas classificatórios não são catedrais intocáveis, mas sistemas de pensamento que envolvem contextos, posições, representações e escolhas legitimadas ou não. A sincronia e a diacronia não necessariamente constituem eixos; podem se configurar em paralelo, com ou sem interceptação, assim como podem desenhar circularidades de aparente oposição, criando ilusões de ótica capazes de cegar ou de fascinar. O tema merece outras investidas, ficando em aberto para pesquisas mais aprofundadas do que este tímido ensaio.

Referências

- BALANDIER, Georges. **O dédalo**: para finalizar o século XX. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BARTH, F. Grupos Étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENARD, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.
- BAUMAN, Z. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- _____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BEY, Hakim. **TAZ** - Zona Autônoma Temporária. Disponível em http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/4a_aula/Hakim_Bey_TAZ.pdf. Tradução: Patricia Decia & Renato Resende. 1990. p. 22 (paginação atribuída pela pesquisadora).
- BONOMI, A. **Fenomenologia e Estruturalismo**. São Paulo: Perspectivas, 1973.
- CALDER, Gideon. **Rorty e a redescrição**. São Paulo: UNESP, 2006 (Grandes filósofos).
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Tempo e tradição**. Conferência proferida na XIV Reunião Brasileira de Antropologia (Brasília, abril de 1984) e publicada no Anuário Antropológico/84. p. 191-203. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/28211218/Roberto-Cardoso-de-Oliveira-Tempo-e-tradicao>. Acesso em: 13 mai 2013.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. v. II. São Paulo: Paz e terra, 1999.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. São Paulo: Edusc, 1999.
- DOSSE, F. **História do Estruturalismo**. Vol. I. São Paulo: Ensaio; Unicamp, 1993.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 5 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- _____. Quem precisa da identidade? In SILVA, T. T. da (ed.). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos estudos culturais. 3 ed. p. 103-133. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo: A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio**. São Paulo: Ática, 2002.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **L'Identité**. Seminaire dirigé par Claude Lévi Strauss. Bernard Grasset. Paris.1977.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios políticos da modernidade. **Revista Observatório Itaú Cultural**, 8. São Paulo: Global, 2009.

MOITA LOPES, Luis Paulo. **Discursos de identidades**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

PETERS, Michael. **Pós-Estruturalismo e filosofia da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas**. A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

UBERTI, Luciane. Estudos pós-estruturalistas: entre aporias e contra-sensos? In **Educação & Realidade**, 2008. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/6847>. Acesso em: 10 jul 2011.

VELHO, G. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.